

O ANTIGNOSTICISMO DE JUDAS E 2 PEDRO

Jessé Adão Macedo*

Houve um movimento que deu lugar à mais ousada incursão do pensamento grego no terreno do cristianismo. Tal movimento é rotulado pela História Eclesiástica de heresia gnóstica. Na verdade, houve um gnosticismo pré-cristão, resultado de uma mescla de filosofia grega e religiões orientais, que se apresentava na forma de uma filosofia mística ou religião especulativa. Posteriormente, esse gnosticismo passou a imiscuir-se no seio do cristianismo.

Esse gnosticismo cristão não foi um movimento uniforme. Havia várias seitas gnósticas. É bem verdade que, embora fosse possível a identificação de diversidade de pontos de vista, existiam aspectos comuns que estavam presentes nas várias seitas.

As Características do Gnosticismo Cristão

Em primeiro lugar, deve ser destacado que as seitas gnósticas apresentavam um exacerbado dualismo. Seus adeptos entreviam um mundo material que se contrapunha ao mundo espiritual. Aquele identificado com o mal e este com o bem. De acordo com a antropologia gnóstica, o homem era bipartido em corpo e alma. O corpo, sendo matéria, estava sintonizado com o mal. A alma, por outro lado, era a parte do ser humano que deveria ter preeminência.

Em virtude dessa aversão para com as coisas ligadas ao material, as seitas gnósticas não se animavam a crer que o Deus supremo houvera criado o mundo sensível. Faziam distinção entre dois Deuses: o Deus Supremo, fonte de todo o bem e um outro Deus, o criador ou demiurgo. Este outro Deus, segundo pensavam, era o Deus dos judeus. Em virtude disso, manifestavam grande antipatia contra o Velho Testamento, abjurando a Lei, os profetas e, principalmente, a doutrina da criação.

A soteriologia dos gnósticos estava sintonizada com os seus postulados antropológicos. A única dimensão que apresentava virtual possibilidade de salvação era a alma. A salvação poderia ser conseguida mediante a maceração do corpo, acompanhada de um simultâneo aprimorar da alma. Tal aprimoramento era viabilizado através da *gnose*. Não se sabe precisar, com certeza, qual era o caráter dessa *gnose*. Talvez fosse um assentimento intelectual; talvez estivesse ligada a experiências esotéricas. No mais, os gnósticos não criam na ressurreição, visto que não consideravam ser relevante a restauração do corpo material. Além disso, não possuíam escatologia, pois para eles a salvação era algo que se

*Jessé Adão Macedo, falecido recentemente às vésperas de defender sua tese de Doutorado em Língua e Literatura Grega, era professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Botafogo, cidade do Rio. O presente artigo é parte integrante de sua tese de Mestrado, defendida em 1990.

processava no presente e não no futuro. De acordo com o ponto de vista dos gnósticos, nem todos eram aptos para a salvação. Apenas os *pneumatikoi*, isto é, os homens verdadeiramente espirituais, poderiam recebê-la. Estes eram os únicos que poderiam atingir a gnose plenamente. Havia uma segunda classe, os *psychikoi*, que poderia ocasionalmente chegar à gnose, mas de forma precária. Neste grupo eram colocados os cristãos. A última classe era daqueles que viviam num nível material. Estes não poderiam chegar ao *pleroma*, ao mundo espiritual, à salvação. Como foi dito acima, era necessária uma mortificação do corpo e isso era feito por alguns através do ascetismo. Já outros criam que o corpo poderia ser mortificado através do entregar-se aos prazeres da carne. Esse grupo ficou conhecido como “libertinos”.

Também era típico dos gnósticos processarem uma interpretação particular do texto bíblico. Irineu de Lion os acusa de reorientarem o sentido de algumas partes do Velho Testamento, bem como dos escritos de São Paulo.¹ Aliás, era grande a consideração manifesta pelos gnósticos para com este apóstolo. Essa simpatia, talvez, se deva ao fato de os escritos paulinos apresentarem uma série de proposições dualísticas, como as de 1 Coríntios 2 e 3, onde o homem *psychikos* contrapõe-se ao *pneumatikos*, ou então por causa da dicotomia *pneumatikos/sarkinos* (espiritual/carnal) e muitas outras expressões e colocações presentes na teologia paulina que, à primeira vista, permitiam uma interpretação gnóstica.

Observe-se ainda que as diversas seitas gnósticas possuíam uma cristologia singular. Defendiam a tese de que Cristo não fora pregado num madeiro, que Ele apenas parecera ter sido crucificado (docetismo) e que o corpo que fora sujeito à paixão teria possuído um caráter fantasmagórico.

O Surgimento do Gnosticismo Cristão

Pais da Igreja, como Irineu e Tertuliano, cujos escritos servem de fonte para o estudo do gnosticismo cristão, descreveram seitas pertencendo a este movimento. De acordo com eles, essas seitas vicejaram a partir da primeira metade do século II AD. Todavia, tal movimento não apareceu espontaneamente *ex nihilo*. De fato, bem antes de grandes teóricos, como Valentino, Basílides e Saturnino, terem estruturado algumas idéias, cristalizando sistemas mais bem ordenados, é possível encontrar essas mesmas idéias em outros textos que não tinham recebido ainda os requintes de um tratamento sofisticado. É bem provável que a heresia condenada na segunda epístola de Pedro e na de Judas dissesse respeito a um tipo de gnosticismo cristão incipiente. “Há concordância geral entre os comentaristas de que a heresia em mira é, em ambos os casos, uma forma primitiva de gnosticismo”.² De fato, a concepção de mundo e de salvação

¹Cf. M. Green, *2 Pedro e Judas* (São Paulo: Mundo Cristão, 1988), 37.

²*Ibid.*, 36.

daqueles que são combatidos na segunda epístola de Pedro “anuncia o gnosticismo do século II”.³

A Reação de Judas e 2 Pedro ao Gnosticismo.

Judas e 2 Pedro apresentam grande semelhança, tanto na forma como no tema. No que diz respeito ao jargão gnóstico, percebe-se que em Judas aparecem alguns vocábulos que indicam ter o autor conhecimento do vocabulário daquela heresia. Em Judas 1:19, os falsos mestres são, ironicamente, chamados de *psychikoi* e de não possuidores do Espírito. Com efeito, as duas cartas reagem a um inimigo comum. Trata-se dos “falsos mestres” (*pseudodidaskaloi*), mencionados em 2 Pedro 2:1. As duas epístolas alinham uma série de instruções que vão de encontro às posturas desses falsos mestres. Há uma forte evidência de que foram escritas adrede contra os que assumiam atitudes atípicas dos gnósticos.

Contra a rejeição dos ensinamentos da criação e da salvação. Da mesma forma que os gnósticos, os falsos doutores de 2 Pedro não se animavam a aceitar a doutrina da criação: “... Mas eles fingem não perceber que existiram outrora céus e terra, esta tirada da água e estabelecida no meio da água pela Palavra de Deus.” O próprio autor de 2 Pedro diz que eles esquecem de propósito (cf. 2Pe 3:5).

A salvação sendo, para os gnósticos, fruto da gnose, não havia para eles um compromisso com uma atuação pautada no comportamento ético. A salvação seria resultante, talvez, de um processo mental ou psicológico. Esse descompromisso para com a moral era tido como a fruição da liberdade. Curiosamente, esta é uma das características dos falsos mestres de 2 Pedro: “... prometendo-lhes a liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção” (2Pe 2:19). Esse era um comportamento “libertino.”

Contra a falta de uma escatologia. Como já se sabe, os gnósticos não tinham escatologia. Para eles, não haveria uma intervenção futura da Divindade na história. Em 2 Pedro, a idéia de um futuro regresso da Divindade é objeto de escárnio por parte dos falsos mestres: “sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão escarnecedores com zombaria andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (3:3-4).

O epistológrafo, todavia, por contraste, pinta com traços dantescos esse dia apocalíptico:

mas os céus e a terra de agora, pela mesma palavra, têm sidô guardados para o fogo, sendo reservados para o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios. Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; porém é longânimo para convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se. Virá, pois, como ladrão o dia do

³E. Cothenet, *As Epístolas de Pedro* (São Paulo: Paulinas, 1986), 61.

Senhor, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão descobertas (3:7-10).

Contra a conduta moral dos gnósticos. Outro ponto digno de nota é o que trata da conduta moral dos gnósticos. Em virtude de considerarem a alma uma porção independente do corpo, alegavam que as ações praticadas por este último não trariam comprometimento algum para a alma. Alguns iam mais longe ao acharem que um comportamento lúbrico arruinaria o homem material, libertando a alma do corpo, rumo ao *pleroma*.⁴ Em 2 Pedro e Judas há pessoas que apresentam este comportamento lascivo, como decorrência de convicções religiosas e não como mera apostasia. Judas diz que “convertem a graça do Deus num pretexto para licenciosidade” (1:4). O epistológrafo petriano diz que os falsos mestres levavam as pessoas a um comportamento lúbrico, prometendo-lhes liberdade: “Porque, falando palavras arrogantes de vaidade, nas concupiscências da carne engodam com dissoluções aqueles que mal estão escapando aos que vivem no erro; prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção; porque de quem um homem é vencido, do mesmo é feito escravo” (2:18-19).

Conseqüências do Movimento Gnóstico

É sabido que os gnósticos torciam o texto do Antigo Testamento, bem como os escritos paulinos com o fito de corroborarem os seus pontos de vista. Marcião, que iria surgir no século II, preparou um cânon do Novo Testamento em que havia apenas o evangelho de Lucas, e mesmo assim mutilado, e dez epístolas paulinas. Tais epístolas eram muito caras aos gnósticos. Todavia, estes davam-lhes uma interpretação tendenciosa. A propensão de desvirtuar os escritos paulinos, bem como o Antigo Testamento é atestada na epístola de Pedro: “e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada; como faz também em todas as suas epístolas, nelas falando acerca destas coisas, nas quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, como o fazem também com as outras Escrituras, para sua própria perdição” (2Pe 3:15-16).

Em virtude do comprometimento que as doutrinas gnósticas traziam à integridade do cristianismo ortodoxo, houve uma forte reação, oriunda dos chamados pais antignsticos. Tendo a heresia procurado fazer um sincretismo entre a doutrina cristã e a filosofia grega, começou-se a entrever uma identidade entre o movimento herético e tal filosofia. Passou-se assim a manifestar-se aversão à cultura helênica. Essa foi, sem dúvida, uma das principais causas da hostilidade à cultura grega da parte de alguns cristãos. São muito sintomáticas algumas colocações feitas por Tertuliano:

⁴Cf. B. Hagglund, *História da Teologia* (Porto Alegre: Concórdia, 1973), 31.

Os filósofos e os hereges discutem os mesmos assuntos, e empregam os mesmos argumentos complexos. Pobre Aristóteles! Foi você quem lhes ensinou a dialética, para se tornarem hábeis em construir e derrubar. Eles são tão sutis em suas teorias, formais em suas inferências, tão seguros sobre suas provas, tão solenes em seus debates, que se tornam fatigantes em virtude do fato que tratam de tudo de tal modo que, em última análise, não se tratou de nada. Que tem Atenas a ver com Jerusalém? Que tem a academia⁵ a ver com a igreja? Que têm os hereges a ver com os cristãos? Nossa doutrina flui da sala de pilares de Salomão, que aprendera que é preciso buscar o Senhor com inocência de coração. A mim pouco importa, quem quiser que produza um cristianismo estóico, platônico e dialético. Visto como o evangelho de Cristo nos foi proclamado, não precisamos mais inquirir ou perscrutar estes assuntos. Se temos fé, não desejamos qualquer coisa além da fé. Pois este é o primeiro princípio de nossa fé: nada há além desta fé em que precisamos crer.⁶

Os gnósticos iam além da fé. Procuravam chegar ao conhecimento de Deus através da especulação. De fato, para Tertuliano, “os filósofos são os pais dos heréticos.”⁷

Conclusão

Finalizando, pode-se dizer que, no NT, ainda não se vislumbra um verdadeiro antagonismo com relação à cultura helênica. Nos escritos paulinos, poetas gregos são evocados, trazendo subsídios à argumentação. Mesmo nas epístolas de 2 Pedro e Judas, embora haja críticas aos falsos mestres e à apostasia, não se percebe ainda ojeriza contra a cultura dos gregos. Tal rejeição só passa a ser notada, com mais vagar e de forma mais sistemática, a partir do século II AD, como fica explicitado nos escritos de Tertuliano.

Além do mais, o uso neotestamentário de poetas gregos, bem como a antipatia pelos falsos mestres, mostra que, ao menos como virtualidade, a conjuntura que daria ocasião ao surgimento das duas correntes de pensamento, a favor e contra a filosofia grega, já existia. Não se pode nem dizer que os estados de ânimo de aversão e simpatia para com tal cultura se apresentassem na sua forma embrionária no Novo Testamento, deixando transparecer uma clara relação de causalidade. Todavia, existem circunstâncias que poderiam dar oportunidade ao surgimento dessas duas correntes. Aqui, elas foram entrevistas apenas em potencial.

⁵Famosa escola estabelecida por Platão em Atenas (Nota do Editor).

⁶Citado em B. Hagglund, 41.

⁷*Ibid.*, 41.